

Televisão brasileira nas fronteiras paraguaio-brasileira, argentino-brasileira e uruguaio-brasileira: identidade e diferença, aproximação e distanciamento ou colaboração e conflito entre povos¹

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo

Roberta Brandalise²

Resumo:

Estudamos como as representações televisivas – construídas em narrativas brasileiras e consumidas por brasileiros, paraguaios, argentinos e uruguaios –, participam da articulação das identidades culturais nas fronteiras entre o Brasil e os países vizinhos Paraguai (Foz do Iguaçu-Ciudad del Este), Argentina (Uruguaiana-Paso de los Libres) e Uruguai (Santana do Livramento-Rivera). Sob a orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos, explorando suas aproximações, no que diz respeito à interculturalidade, com a Antropologia Cultural. Realizamos três estudos de caso dentro de uma perspectiva qualitativa, desenvolvendo dois tipos de entrevistas com quarenta fronteiriços, montando e utilizando um banco de dados com as narrativas televisivas que se tornaram relevantes ao longo deste trabalho, e recorrendo, ainda, à observação participante.

Palavras-chave: Comunicação; Antropologia; Televisão; Fronteiras; Identidades Culturais.

Aspectos Iniciais

Estudar a participação da televisão brasileira em regiões de fronteira foi uma escolha que fizemos com a colaboração das mediações culturais com as quais estivemos em contato ao longo de nossa vida. O tema representa complexidades e heterogeneidades que aprendemos a reconhecer em contextos diversos e que foram incorporadas durante a construção de nossa própria visão de mundo. Vivemos por seis anos na cidade de Uruguaiana, na fronteira entre o Brasil e a Argentina. Quando os fatores econômicos não facilitavam o cotidiano e oportuno intercâmbio comercial com a cidade argentina de Paso de los Libres, a nossa família – tal como tantas outras da região fronteiriça – se deslocava para fazer compras até a fronteira uruguaio-brasileira (Rivera-Santana do Livramento) e, por vezes, até a fronteira paraguaio-brasileira (Ciudad del Este-Foz do Iguaçu).

Há mais de uma década, quando surgiu a oportunidade de contribuir para o campo da Comunicação por meio do trabalho de pesquisa, entramos em contato com as obras de teóricos contemporâneos da Comunicação – dos Estudos Culturais Britânicos e Latinos, tais como Stuart Hall e Jesus Martín-Barbero. A partir dessas leituras, aprendemos a atribuir sentido para a diversidade cultural registrada em nossas memórias e decidimos estudar a participação dos meios de comunicação de massa, tal como a televisão, no contexto fronteiriço.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, de 2 a 5 de setembro de 2014.

² Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria; mestre e doutora em Ciências da Comunicação formada pela Universidade de São Paulo. Professora nos cursos de Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero e da Universidade de Santo Amaro. E-mail: betalise@terra.com.br

Então, revisitamos a fronteira entre o Brasil e a Argentina e realizamos as pesquisas “Gaúchos e *gauchos*: um pampa, duas nações” e “Comunicação e Cultura: Sementes híbridas em campos cercados na fronteira Brasil-Argentina”, a primeira, uma monografia com ênfase no telejornalismo e, a segunda, uma dissertação com ênfase na ficção televisiva.

As pesquisas que realizamos nos estimularam a aprofundar os nossos estudos porque geraram novas inquietações. Então, retornamos à divisa entre o Brasil e a Argentina e, curiosos em relação ao que poderíamos aprender sobre a participação da televisão brasileira em outras regiões fronteiriças com as quais estivemos em contato, revisitamos também as fronteiras do Brasil com o Uruguai e com o Paraguai. No esforço de compreender os processos de comunicação existentes nas fronteiras, plasmados em meio a processos culturais e sociais mais abrangentes, seguimos a mesma orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais Britânicos e Latinos, enriquecida pelo nosso envolvimento com o ensino de Antropologia Cultural.

Atentando para isso, desenvolvemos a tese de doutorado “A Televisão Brasileira nas Fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai – Um estudo sobre como as Representações Televisivas participam da articulação das Identidades Culturais no cotidiano fronteiriço”, incorporando as colaborações convergentes das perspectivas trazidas pelos Estudos Culturais e pela Antropologia, acerca do objeto da Comunicação.

O objetivo geral desta pesquisa, que apresentamos em linhas gerais no presente artigo, foi aprender sobre o modo como a televisão brasileira participa da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço, estudando os casos de Ciudad del Este (Paraguai)-Foz do Iguaçu (Brasil), Paso de los Libres (Argentina)-Uruguaiana (Brasil) e Rivera (Uruguai)-Santana do Livramento (Brasil).

Como não é possível abordar todo o espectro da pesquisa neste artigo, compartilhamos aqui parte de nossa estratégia teórico-metodológica e das representações televisivas que circulam no imaginário social de argentinos, brasileiros, paraguaios e uruguaios. Representações estas que suscitaram negociações de sentido, incorporação e resistência por parte dos entrevistados. Representações televisivas que a própria amostra destacou como relevantes nas relações interculturais que experimenta cotidianamente nas regiões de fronteira.

Reflexões sobre os fundamentos teóricos que possibilitaram e ampararam a pesquisa sobre Comunicação em contextos interculturais

Desde a concretização das primeiras pesquisas em regiões de fronteira, percebemos que durante a realização do trabalho de campo nos víamos acompanhados pelas leituras de Geertz (1978) e Lévi-Strauss (1970), entre outros antropólogos, observando os processos de comunicação a partir de uma perspectiva antropológica. Essa perspectiva foi fundamental para “situar-nos” (GEERTZ, 1978) nesses contextos específicos, a fim de identificar as estruturas de significado em curso e suas bases sociais de importância por meio de uma “descrição densa” (GEERTZ, 1978). Do mesmo modo como a noção de “interpretação das

culturas” de Geertz (1978) nos iluminou, também a teoria de Lévi-Strauss (1970) sobre “a colaboração das culturas” teimou em se fazer presente ao longo do trabalho de campo.

Compreendemos que a proposta contemporânea de Jesus Martín-Barbero – para estudar o objeto da comunicação por meio das “mediações culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2001), atentando para o fato de que a realidade e os processos de recepção são multimedidos –, bem como, a abordagem contemporânea de Stuart Hall – sobre o estudo das “identidades culturais” (HALL, 1999), atentando para a pluralidade e mobilidade das identidades culturais que integram a subjetividade do indivíduo na contemporaneidade – são convergentes com a perspectiva antropológica (GEERTZ, 1978). Uma vez que ambas consideram o universo simbólico indissociável da prática social, operando no sentido de dissolver a separação dessas instâncias para focalizar sua inter-relação dinâmica.

Entendemos que essas duas perspectivas conseguem eximir-se de elaborar explicações deterministas ou reducionistas para os fenômenos que estudam, isso porque atentam para as situações vividas no cotidiano, em contextos específicos, e consideram a relevância dos diversos aspectos da vida social que atuam simultaneamente, de modo convergente ou concorrente, nos processos de produção e abstração de sentidos. Elas não reduzem, portanto, os intrincados interesses e conflitos de diferentes grupos ou categorias sociais, ou mesmo a participação da televisão dentro desses contextos, a uma explicação unívoca, seja ela econômica, política ou de outra natureza, mas incorporam todos esses aspectos à análise, na medida em que são relevantes para compreender o objeto de estudo.

Com a colaboração da Antropologia Cultural e dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos, entendemos que é na interação com o meio natural e social que aprendemos a atribuir sentidos para as coisas do mundo tangível e intangível, e com isso podemos intervir e participar de todas as esferas da vida. Compreendemos que o *homo sapiens sapiens* vem ao mundo com capacidade de produção e abstração simbólica, mas é no convívio social e na imersão cultural que aprendemos a compreender e elaborar significados. O nosso aprendizado se dá na totalidade do que é humano: educamo-nos formalmente e informalmente. O olfato, a audição, o tato, o paladar e a visão são nossas primeiras formas de interação com o mundo. E por causa de nossa capacidade mental genuína, fruto da interação entre natureza e cultura, atribuímos sentido a tudo que toca esses meios de interação social, bem como aprendemos a tocar os outros produzindo significados.

Na jornada da humanidade sobre a terra há uma urgência por comunicação, por estabelecer trocas simbólicas, por compreender, fazer-se compreender e assim intervir na realidade em que estamos inseridos. Entendemos que é daí que surge nosso esforço ancestral para desenvolver a fala, a oralidade. É essa urgência – somada a outras, próprias de cada tempo histórico –, a razão para o desenvolvimento da escrita e de tecnologias que são incorporadas pelo ser humano em seus processos de comunicação.

Para um ser cultural como o *homo sapiens sapiens*, as trocas simbólicas cotidianas realizadas por meio da linguagem verbal e não verbal são responsáveis pelos processos de elaboração das identidades que se

desenvolvem, por exemplo, com a construção coletiva da memória. Por isso, entendemos que ao estudar os processos de comunicação, envolvendo tecnologias ou não, é preciso observar sua participação no cotidiano e no tecer da memória. Com isso, torna-se possível apreender, ao longo do tempo, as transformações culturais nas mais diversas sociedades, atentando para as relações de interculturalidade experimentadas por diferentes gerações, gêneros, etnias, nações, regiões e estratos socioeconômicos, uma vez que todas essas dimensões são categorias de produção de significados.

Entendemos que para a produção de conhecimento no campo científico da Comunicação é imprescindível atentar para como os processos de comunicação participam da complexidade da vida social em todas as suas dimensões, considerando a heterogeneidade cultural característica da espécie humana. Isso porque compreendemos que os processos sociais, culturais e de comunicação estão inter-relacionados: as características dos diversos tipos de sociedades e culturas configuram os processos de comunicação, bem como esses participam do contínuo processo de transformação daquelas.

Essa perspectiva permite o vislumbre das marcas da totalidade histórica no particularismo histórico, isso porque os processos de comunicação implicam o estudo das trocas simbólicas e da ação social em contextos diversos – considerando que as trocas simbólicas não se constituem como um elemento separado da ação social porque a própria cultura tem uma dimensão política e o universo simbólico em que o ser humano está inserido foi engendrado por ele mesmo na interação social cotidiana. Por meio dos processos de comunicação o ser humano age e interage, atribuindo e abstraindo sentidos aos processos sociais e culturais dos quais participa e é assim que ele transforma a realidade.

A realidade está em constante transformação e se configura com contradições e conflitos, e o estudo dos processos de comunicação é revelador desse engendramento. Portanto, compreender os processos de comunicação plasmados aos processos culturais e sociais implica considerar as relações dialógicas que caracterizam esses processos. Ao estudar o jogo das trocas simbólicas e da interação social, tornam-se evidentes os conflitos e tentativas de dominação de um grupo sobre outro – uma etnia sobre a outra, uma nação sobre a outra, um grupo socioeconômico sobre o outro, um grupo político sobre o outro, uma geração sobre a outra, um gênero sobre o outro, etc. Esse jogo em que há a concorrência pela predominância, pela hegemonia, e que pode ser percebido ao longo de toda a história da humanidade em diversas sociedades e culturas, é o jogo ideológico, a própria dimensão política da cultura. E como consideramos os processos de comunicação plasmados aos processos culturais e sociais, compreendemos que ao estudar os processos de comunicação podemos apreender essas tensões e conflitos da realidade social.

Utilizamos a metáfora do jogo, um processo que começa com pelo menos dois elementos iguais (em nível de equivalência) e que termina com os mesmos elementos em estado de desigualdade (um prevalece sobre o outro), porque, ao estudarmos os processos de comunicação, é preciso atentar para a potencial pluralidade de vozes, próprias da paradoxal diversidade cultural da espécie humana, que ao longo do processo histórico, com a

nada pacífica alternância no predomínio da visão de mundo de uns sobre outros, podem encontrar-se subsumidas ou diluídas no discurso hegemônico.

Fenômenos culturais e sociais como os processos de comunicação não podem ser reduzidos a sua participação na manutenção ou subversão das relações de poder. Entretanto, é preciso atentar para o fato de que a hegemonia de um grupo sobre outro é tecida e mantida também por meio dos processos de comunicação, bem como a resistência a essa dominação. Assim, é preciso saber distinguir entre o discurso hegemônico e todos os outros que são igualmente relevantes, identificando os estereótipos, os preconceitos e os estigmas sociais que se constroem nessas relações interculturais.

Com a colaboração da Antropologia Cultural e dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos, também atentamos para o fato de que a comunicação intercultural e intracultural pode ser estudada tanto nas relações entre diferentes sociedades quanto no interior de uma mesma sociedade, e pode ser percebida especialmente no contato entre diferentes culturas e subculturas, que se dá, entre outras situações, nas relações de comércio e consumo, com os movimentos migratórios, com a proximidade espacial entre diferentes grupos étnicos, na interação social entre diferentes gerações, na formação de famílias entre pessoas de diferentes etnias, nacionalidades, regiões, etc., com as guerras ou conflitos que envolvem tanto confrontos bélicos quanto estratégias de dominação política e econômica, e ainda, com a mediação de tecnologias que são incorporadas ao cotidiano, principalmente aquelas que envolvem os meios de transportes e os meios de comunicação.

Com isso entendemos que as regiões fronteiriças nas quais nos propomos a estudar a participação da televisão brasileira na articulação das identidades culturais ou no jogo identitário constituem-se como lugares privilegiados para encontrarmos situações de contato cultural e para observarmos a comunicação intercultural e intracultural. Por isso, também é necessário apontar desde já que não é possível apreender toda a complexidade da realidade que nos propomos a conhecer.

Do mesmo modo, tendo em vista a riqueza da abordagem sociocultural proposta pela Antropologia Cultural e pelos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos, não pretendemos esgotar essas teorias aqui, e sim pontuar como principalmente essas leituras, entre outras, nos acompanharam ao longo da construção e análise de nossos dados. Elas colaboraram para que atentássemos para o modo como os sujeitos de nossa amostra articulam a pluralidade de categorias produtoras de significados que participam de seu cotidiano e, em especial, no estudo da apropriação e dos usos que eles fazem das narrativas televisivas brasileiras nas fronteiras do Brasil com a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

Apontamentos sobre a estratégia metodológica

O critério de seleção da amostra foi o consumo comum da televisão brasileira por parte de fronteiriços de nacionalidades diferentes. Afinal, nas fronteiras em que nos inserimos, o hábito de consumir a televisão brasileira existe há mais de quatro décadas, embora, cada vez mais existam opções de consumo que competem pelo gosto do público fronteiriço. A composição da amostra dependeu, também, do interesse das pessoas em

participar dos três estudos de caso que desenvolvemos, cada qual em uma das regiões de fronteira supracitadas. Dentro desse universo, tivemos a oportunidade de trabalhar com famílias das quatro nacionalidades envolvidas neste estudo, o que enriqueceu a construção e análise dos dados da pesquisa porque, além de contarmos com colaborações de pessoas com ocupações diversas, também tivemos a oportunidade de conhecer as perspectivas apresentadas por gerações diferentes.

Ao todo 40 fronteiriços participaram desta pesquisa: 10 na fronteira Brasil-Argentina – 5 brasileiros residentes em Uruguaiana (2 mulheres e 3 homens, com as idades variando entre 37 e 73 anos) e 5 argentinos residentes em *Paso de los Libres* (3 mulheres e 2 homens, com idades variando de 25 a 67 anos); 18 na fronteira Brasil-Paraguai – 9 brasileiros residentes em Foz do Iguaçu (5 mulheres e 4 homens, com as idades variando entre 19 e 72 anos) e 9 paraguaios residentes em *Ciudad del Este* (4 mulheres e 5 homens, com idades variando de 21 a 79 anos); 12 na fronteira Brasil-Uruguaí – 6 brasileiros residentes em Santa do Livramento (3 mulheres e 3 homens, com as idades variando entre 23 e 69 anos) e 6 uruguaios residentes em *Rivera* (3 mulheres e 3 homens, com idades variando de 28 a 73 anos).

Utilizamos a metodologia qualitativa do estudo de caso a fim de compreendermos em profundidade as complexidades e heterogeneidades próprias dos espaços fronteiriços – realizamos os três estudos de caso com este propósito, sem o objetivo inicial de estabelecer comparações entre o que se passa em cada uma das regiões fronteiriças em que nos inserimos. Conforme Lopes (2002), a pesquisa qualitativa é o laboratório das Ciências Humanas. Nesse tipo de trabalho não sabemos quantas pessoas procedem de determinada forma, mas sabemos que tal procedimento existe. Ainda de acordo com Lopes (2002), numa pesquisa qualitativa combinamos técnicas de amostragem não probabilística, cuja representatividade é não estatística. Portanto, pela proposta da autora, construímos nossos dados a partir de uma “amostra significativa”, com “representatividade social”.

O estudo de caso pode ser entendido como um método descritivo significativo, porém não passível de generalização. Segundo Yin (2010), o estudo de caso é uma forma de pesquisa social empírica na qual um fenômeno atual é investigado dentro de seu contexto de vida real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas. Nesse âmbito, múltiplas fontes de evidência devem ser usadas. Conforme Lüdke (1986), são características fundamentais do estudo de caso: a ênfase da interpretação em contexto, a retratação da realidade de forma complexa e profunda, e a representação dos diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes em uma situação social. Por tudo isso, avaliamos que o estudo de caso seria o recurso mais adequado e valioso para a concretização de nossa pesquisa.

Para desenvolver os estudos de caso realizamos entrevistas, adotamos a observação participante e montamos um banco de dados com o material televisivo. Utilizamos a entrevista do tipo semiestruturada, seguindo o modelo de Thiollent (1980), de acordo com o qual, quanto mais abertas são as perguntas, menor é a probabilidade de condução das respostas. Nesse modelo de entrevista existe um roteiro a ser seguido, mas também há abertura nele para a valorização de todos os comentários pertinentes ao estudo, suscitados na interação entre o pesquisador e o entrevistado.

Utilizamos a observação participante como recurso de apoio para realizar esse trabalho e também com o intuito de atentar para a subjetividade de nosso objeto de estudo, porque tal como explica Haguette (1992, p. 104): “o observador de campo pode geralmente alocar motivos e/ou intenções com maior chance de validade pela oportunidade que tem de contrastar ideais afirmados com comportamentos, podendo descrevê-los na forma como eles se impõem”.

Por meio das entrevistas semi-estruturadas, identificamos os meios de comunicação de massa disponíveis nas fronteiras e os hábitos de consumo de nossa amostra. Com as entrevistas, procuramos saber, sobretudo, quais eram as narrativas da televisão brasileira que nossa amostra considerava como mais relevantes nas relações sociais e culturais experimentadas no cotidiano fronteiriço.

Perguntamos também sobre as relações sociais, políticas e econômicas argentino-brasileiras, paraguaio-brasileiras e uruguaio-brasileiras no cotidiano fronteiriço e registramos as representações da amostra acerca dessas relações, bem como as que eles fazem uns dos outros. Levantamos a ascendência dos entrevistados e obtivemos informações sobre sua interação com os diversos grupos étnicos que participam do cotidiano fronteiriço, inclusive suas impressões acerca dessa diversidade étnica. Aprendemos sobre o estilo de vida da amostra, procuramos saber a que estrato socioeconômico os entrevistados pertenciam e apuramos suas observações acerca da estratificação socioeconômica na região de fronteira. Conhecemos suas relações com o meio rural e a relevância dele no cotidiano fronteiriço.

Em seguida, perguntamos como tudo isso era retratado na televisão. Assim, pudemos apreender as apropriações e usos que os entrevistados fazem das representações televisivas que consideram pertinentes a sua realidade, identificando os sentidos que eles atribuem às narrativas televisivas, construídos a partir de seu contexto cultural e do jogo identitário em curso. Com esse levantamento, pudemos analisar a participação da televisão no cotidiano fronteiriço, observando em que medida suas narrativas medeiam o discurso dos entrevistados e a construção das representações sociais, assim como participam da articulação das identidades culturais na fronteira.

Quando os entrevistados partilharam conosco as representações televisivas que consideraram relevantes em seu cotidiano, procuramos recuperar o material. Coletamos na *internet*, em especial nos *sites* Globo.com e Youtube.com, as narrativas televisivas que haviam sido veiculadas pela televisão brasileira e consumidas, utilizadas ou apropriadas em alguma medida pelos fronteiriços, tal como constatamos. Encontramos as narrativas em formato de arquivos audiovisuais, o que nos permitiu montar um banco de dados que registramos em DVD, a fim de aprofundar a pesquisa de campo, revendo com os fronteiriços tais cenas e dando continuidade às entrevistas.

Este banco de dados serviu para aprofundar a realização da pesquisa. Convidamos a amostra, especialmente aqueles entrevistados pertencentes às famílias que participaram deste estudo, para assistirem conosco pelo menos parte desse material, a fim de registrar outras colaborações suscitadas nessa interação. A esse tipo de entrevista aberta ou não estruturada, na qual apresentamos registros audiovisuais que dizem

respeito aos temas que ganharam relevância durante a pesquisa, com a finalidade de conhecer melhor a produção de sentidos que é gerada quando a amostra se vê representada pelo olhar do “outro”, denominamos entrevista aberta mediada. Esta técnica é inspirada na chamada “entrevista projetiva” de cunho antropológico, utilizada por Collier (1973, p. 69-71) como instrumento de pesquisa. Ele explica que ao exibir para o próprio grupo estudado registros visuais ou audiovisuais pertinentes a ele, é possível conhecer “interpretações significantes” porque esse tipo de material “evoca sentimentos emocionais”.

No caso desta pesquisa, as narrativas televisivas consumidas pela amostra e utilizadas pelos próprios paraguaios, uruguaios, argentinos e brasileiros que vivem nas fronteiras, foram todas construídas pela televisão brasileira, um meio de comunicação de massa voltado para os brasileiros. Assim, as representações televisivas foram elaboradas pelo “outro”, no sentido de que foram construídas por “não paraguaios”, “não argentinos”, “não uruguaios” e “brasileiros não fronteiriços” (que para os brasileiros fronteiriços podem, em alguma medida, também representar o “outro”). Por isso, as elaborações de sentido das famílias, ao assistirem o material televisivo, também foram úteis para confirmar qual é a tendência da televisão brasileira ao caracterizar aspectos pertinentes a nossa amostra e, assim, iluminar a participação da televisão na articulação das identidades culturais nas fronteiras.

Participação da televisão brasileira na sociabilidade e no jogo identitário da fronteira Paraguai-Brasil

Sobre o estudo de caso realizado na fronteira entre o Paraguai e o Brasil, foram destacadas pela amostra quarenta narrativas audiovisuais do gênero jornalístico, como relevantes nas relações interculturais do cotidiano fronteiriço. Foram destacadas três narrativas de gênero ficcional, o primeiro capítulo da telenovela *Vale Tudo*; trechos de três diferentes capítulos da telenovela *A Favorita*; e trechos de três diferentes capítulos da telenovela *Passione*. Neste estudo de caso também foram destacadas narrativas de outros gêneros: parte de um episódio do programa de *reality show*, *Big Brother Brasil*; trechos de diferentes episódios do programa de humor *Casseta & Planeta: Urgente!*; e uma narrativa do programa de variedades *Vídeo Show*.

Entendemos que no caso da fronteira Paraguai-Brasil, a televisão brasileira associa preponderantemente o Paraguai, os paraguaios ou a região de fronteira que estudamos à falsificação, ao contrabando, ao roubo, à fraude, à fuga de suspeitos e ao tráfico. Isso ocorre em narrativas noticiosas, em um programa de humor, em um programa de variedades, um *reality show* e, inclusive, em telenovelas. No caso das telenovelas, encontramos apenas uma narrativa em que essa fronteira, a despeito de estar associada ao contrabando, é representada como um ponto turístico, enquanto as outras retrataram o lugar principalmente como o destino de criminosos em fuga.

Encontramos quinze narrativas noticiosas, associando o Paraguai ou a fronteira entre os dois países às atividades de contrabando, roubo, fraude e tráfico. No que diz respeito à falsificação ou pirataria, levantamos uma narrativa noticiosa e, ainda, representações em um programa de variedades, um programa de humor e um *reality show*. Encontramos também referências que apontam o Paraguai como o destino de suspeitos em fuga em três narrativas noticiosas e na telenovela *A Favorita*. Ainda vimos referências ao contrabando de

mercadorias na telenovela *Vale Tudo* – entretanto, ressaltamos que nessa narrativa, ocorre também a representação, considerada positiva pelos entrevistados, associada ao turismo.

Essas representações televisivas são, sem dúvida, fundadas em situações reais e relevantes. No que diz respeito a este estudo, embora tenhamos encontrado especificidades e ambivalências nos usos e apropriações do material televisivo, compreendemos que elas participam do jogo identitário reiterando estereótipos negativos que afetam a autoestima de paraguaios e brasileiros que interagem na fronteira, colaborando para o reforço dos preconceitos em relação a eles e até participando da construção simbólica de um estigma.

Entre as representações menos frequentes no telejornalismo constam uma reportagem e uma nota, nas quais os paraguaios se reconhecem a partir da identidade guarani, e que retratam uma reunião de índios guaranis de vários países, realizada para discutir a preservação de suas áreas de terra; duas nas quais o paraguaio sem-terra é considerado um invasor ou uma ameaça para o brasileiro proprietário de terras no Paraguai; uma em que os paraguaios são associados à pobreza; e outras que tem a ver com o futebol e com as relações políticas e econômicas entre o Paraguai e o Brasil – e mesmo nesses casos encontramos algumas representações negativas do Paraguai, dos paraguaios ou dessa fronteira.

De modo geral, brasileiros e paraguaios resistem às representações televisivas brasileiras que retratam constantemente a região fronteiriça associada a estereótipos negativos. Entretanto, o Paraguai e os paraguaios são discriminados por estrangeiros, em especial pelos brasileiros – em alguma medida, responsáveis por muitas das dificuldades enfrentadas pelos paraguaios na atualidade.

No imaginário social brasileiro, assim como no cotidiano fronteiriço e na mídia brasileira, tal como constatamos, o signo “paraguaio” ou “paraguaia” passou a assumir o sentido de “falso” ou “falsificado”. Em noticiários, telenovelas, programas de variedades ou de humor brasileiros, o Paraguai e os paraguaios são retratados em associação a atividades ilegais diversas e isso reforça uma visão unidimensional e descontextualizada historicamente sobre o que se passa na nação paraguaia e sobre a imagem desse povo.

Compreendemos que no jogo das identidades, os paraguaios almejam uma mudança de percepção dos estrangeiros em relação ao seu país. E isso só é possível com a participação dos meios de comunicação de massa. Na medida em que o Paraguai e os paraguaios, de alguma forma, tiverem mais espaço nos meios de comunicação estrangeiros – com o retrato de outros aspectos de sua realidade que não estejam vinculados a estereótipos negativos.

Encontramos um povo que, na região de fronteira, estabelece a sua autodefinição do ponto de vista socioeconômico enfatizando a dependência em relação aos brasileiros, aos chineses e aos árabes. Identificamos esse mesmo povo sendo alvo de preconceito racial por parte de brasileiros impregnados pela ideologia do branqueamento racial e alheios à realidade racial do próprio Brasil.

Encontramos um povo que, depois de ter sido expropriado de seu direito de pleno desenvolvimento independente a partir da Guerra do Paraguai, sobrevive. Economicamente, luta no campo, na produção de energia e no comércio. Politicamente, assim como lutou contra a ditadura, segue lutando contra a corrupção e

contra o favorecimento de estrangeiros nas políticas econômicas. No plano social, encontramos um povo desolado depois de apostar suas expectativas de transformação social na figura do ex-presidente e ex-bispo Fernando Lugo.

Em meio a isso tudo, podemos afirmar que a identidade nacional paraguaia é tão marcada por todas essas lutas de seu povo, quanto pelas tradições guaranis vívidas na memória e atualizadas no cotidiano dos paraguaios. Essa realidade complexa e plena de desapontamentos aponta para uma fragilização dos recursos de reforço da identidade nacional paraguaia, mas ao mesmo tempo revela a força de uma nação sobrevivente que segue cultivando elementos para reforçar sua identidade, a união nacional e a valorização de seu povo: fortalece-se justamente na riqueza de suas tradições de luta em várias frentes, nas tradições do campo e da herança indígena, e na esperança renovada em figuras públicas positivas para a autoimagem da nação.

Diante disso tudo, se compreendermos que as identidades nacionais “não estão livres dos jogos de poder” (HALL, 1999, p.65) e que, ainda de acordo com Hall (1999, p. 50-57), para compreender cada nação é preciso atentar para suas narrativas, podemos considerar que em boa medida o *empoderamento* dos paraguaios no que tange ao seu sistema de representação cultural aos olhos do mundo passa pela mídia. Isso porque as tradições criadas, os símbolos estabelecidos, os mitos fundadores concebidos, a própria história nacional, bem como, as diversas produções simbólicas, inclusive as literárias e as midiáticas, participam da configuração e manutenção dos sistemas de representação cultural que geram a identificação nacional.

Nesse sentido, tal como ocorre com a imagem dos mais diversos países mundo afora, a narrativa da nação paraguaia segue seu enredo na contemporaneidade eivada, entre outras mediações, pela dos meios de comunicação. E nesse espaço, parece que se torna cada vez mais relevante o reforço da identidade nacional na mídia internacional por meio de representações positivas. As identidades culturais não determinam a ação social, mas o universo simbólico não está dissociado da concretude material que move o processo histórico no plano social, político ou econômico. Assim, a construção de representações positivas dos paraguaios e do Paraguai pode contribuir para enaltecer e expor os valores e a grandeza deste país e de seu povo. Pode contribuir ainda para desbancar estigmas que, quando atualizados no cotidiano fronteiriço, fomentam afastamentos e conflitos entre paraguaios e brasileiros.

Participação da televisão brasileira na sociabilidade e no jogo identitário da fronteira Argentina-Brasil

Sobre o estudo de caso elaborado na fronteira entre a Argentina e o Brasil, foram destacadas pela amostra oito narrativas de gênero noticioso. Foi destacado também um trecho de um episódio do programa de humor *Casseta & Planeta: Urgente!*. Quanto às narrativas ficcionais, foram destacadas uma cena da telenovela *Deus nos Acuda* e duas cenas da telenovela *Viver a Vida*. Assim como, duas propagandas.

No caso da fronteira Argentina-Brasil, entendemos que com respeito às relações argentino-brasileiras no âmbito político e econômico, e especialmente em torno do Mercosul, bem como na seara do futebol, e

particularmente em torno das figuras de Pelé e Maradona, a televisão brasileira caracteriza essas vinculações preponderantemente como de rivalidade e o argentino é representado como concorrente ou adversário do brasileiro. Isso ocorre em propagandas, em um programa de humor e, principalmente, nas narrativas de gênero noticioso que estudamos.

As narrativas da televisão brasileira participam do jogo identitário, preponderantemente, reforçando as identidades nacionais brasileira e argentina. E, ainda, imprimindo às relações sociais entre brasileiros e argentinos que vivem na fronteira um caráter de afastamento ou de conflito. Isso porque, não podemos deixar de constatar que o interdiscurso da rivalidade predomina na formação discursiva da maior parte das narrativas construídas na televisão brasileira com respeito às relações argentino-brasileiras, à Argentina ou aos argentinos. E isso medeia as apropriações e usos que os fronteiriços fazem dessas narrativas. Observamos essa hegemonia em inúmeras narrativas de gênero noticioso acerca dos desacordos que envolvem o Mercosul e nas representações televisivas relacionadas ao futebol e aos craques Pelé e Maradona.

Atentando para as colaborações de nossa amostra com respeito à caracterização das relações argentino-brasileiras como de rivalidade na televisão, reiteramos que, em boa medida, essa caracterização se fundamenta na realidade. A própria observação que realizamos no cotidiano fronteiriço e os próprios entrevistados nos fornecem elementos para confirmar isso. Por outro lado, essa mesma observação e as apropriações e usos que nossa amostra faz das representações televisivas brasileiras também nos fornecem elementos para compreendermos que essa realidade entranhada de rivalidade se configurou historicamente com a participação, dentre outros fatores, da ação dos Estados nacionais, das disputas no futebol e dos próprios meios de comunicação de massa que reafirmam constantemente essa caracterização.

Ao fazer uso do interdiscurso da rivalidade para propor o sentido predominante em suas narrativas – sejam elas de gênero noticioso ou humorístico, e mesmo em propagandas como a do Guaraná Antártica e a das sandálias Havaianas –, a televisão brasileira acessa o imaginário nacional, joga o jogo das identidades culturais e, ao fazer isso, por vezes, reforça esse discurso de rivalidade que já faz parte da realidade das relações argentino-brasileiras. Discurso que, em uma região de fronteira entre o Brasil e a Argentina, onde brasileiros e argentinos consomem essas narrativas, colabora para o reforço das identidades nacionais dos dois povos. Mais do que isso, o discurso de rivalidade que tece essas narrativas da televisão brasileira, quando consumido pelos fronteiriços, medeia as relações sociais na região. Colaborando para diminuir a sociabilidade entre brasileiros e argentinos, ou para conferir a essas relações um caráter conflitivo – tal como evidenciaram também as colaborações de nossa amostra, que ao se apropriar dessas narrativas que envolvem o Mercosul ou o futebol, nos informou sobre situações em que brasileiros e argentinos precisam evitar o cruzamento da fronteira e outras em que as relações entre eles é marcada pela agressividade, pelo preconceito e pelo abuso de autoridade.

No caso do telejornalismo, destacaram-se apenas duas exceções, uma tem a ver com a representação do carnaval de Uruguaiana, que agrega brasileiros e argentinos, e a outra se refere ao apoio que o Brasil manifestou recentemente à Argentina, na ONU, com respeito à questão das Ilhas Malvinas.

Compreendemos que tanto a celebração do carnaval em Paso de los Libres e em Uruguaiana quanto a preparação que envolve esse evento ao longo de cada ano aumenta a sociabilidade inter-fronteiriça. A colaboração entre brasileiros e argentinos com respeito ao carnaval é algo que já se mostrava relevante na pesquisa que realizamos em 2006, quando tivemos a oportunidade de entrevistar uma família brasileira de afrodescendentes que, na ocasião, morava em Paso de los Libres em decorrência de seu envolvimento com a concretização do carnaval libreño. Essa família nos contou que enfrentava preconceito racial em seu cotidiano na cidade argentina, assim como ocorria na cidade brasileira, mas nos levou a entender que o racismo não se manifestava no meio carnavalesco da cidade, por razão das contribuições que os brasileiros traziam para a festa argentina. Compreendemos, portanto, que o carnaval não anula as diferenças entre brasileiros e argentinos ou o preconceito racial entre brancos e não brancos, mas mesmo assim, ao ser partilhado pelos fronteiriços, gera identificação entre eles.

Além disso, tal como evidencia a colaboração de um de nossos entrevistados brasileiros – “E eu acho que é uma coisa boa falarem disso na televisão, reconhecer essa parceria até alivia a tensão por aqui porque, geralmente, é só briga, é só briga entre argentino e brasileiro na TV” –, compreendemos que a representação televisiva dessa realidade no telejornalismo brasileiro também colabora para aproximar brasileiros e argentinos que vivem na fronteira, reforçando a identidade regional ou fronteiriça, justamente por distanciar-se da constante caracterização das relações argentino-brasileiras como de rivalidade.

Este também é o caso da narrativa televisiva que retrata a atitude do então presidente brasileiro, Lula, demonstrando solidariedade à Argentina no caso das Ilhas Malvinas, e cobrando da ONU uma decisão favorável ao país vizinho. O consumo desta narrativa aproximou brasileiros e argentinos que vivem na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres, colaborando para o reforço da identidade regional ou fronteiriça. Isso se evidencia quando nossos entrevistados argentinos enfatizam que a ação do presidente brasileiro foi uma “prova de amizade muito grande”, foi algo “muito bonito” porque “o Brasil se posicionar na ONU, acima de tudo a nosso favor, é algo que ninguém aqui pode esquecer tão cedo”. Bem como quando nossos entrevistados brasileiros afirmam que essa “política da boa vizinhança até fortaleceu a nossa amizade” ou que “isso aí fez muito bem para o nosso relacionamento aqui na fronteira”, apontando também que, mesmo que a ação do presidente brasileiro não tenha sido de “graça”, os argentinos “mereciam” esse apoio porque é algo “importante para eles” e que isso os deixou “muito felizes”.

É relevante apontarmos também que há cerca de dez anos, quando realizamos nossa primeira pesquisa nessa fronteira (2002), o fato de o Brasil ter se mantido neutro na questão das Malvinas, não manifestando apoio à Argentina na Guerra e, com isso, violando inclusive o Tratado Interamericano de Assistência Mútua, foi motivo de ressentimento por parte de nossos entrevistados argentinos e não colaborava para o reforço da identidade regional ou fronteiriça. Pelo contrário, esse caso era comumente utilizado pelos argentinos para pontuar que o retrato que eles faziam, já nessa primeira pesquisa, da postura brasileira no Mercosul tinha antecedentes: “Um exemplo mais distante seria as Malvinas, o Brasil (...). Até nesse negócio, nessa posição

diplomática manteve o seu interesse” (Álvaro, 47, *apud* Brandalise, 2002, p. 71). Os argentinos lançavam mão da questão das Malvinas para nos explicar que a política brasileira sempre visou os interesses do seu país em detrimento de qualquer outro compromisso, seja ele o Mercosul ou o Tratado Interamericano de Assistência Mútua. Já as circunstâncias que apreendemos na concretização dessa tese apontam para uma transformação nas relações argentino-brasileiras, pelo menos com respeito à questão das Malvinas.

Com respeito às narrativas ficcionais que estudamos, elas não só distanciam-se do sentido de rivalidade constantemente atribuído às relações entre argentinos e brasileiros e da caracterização do argentino tal qual um adversário, como associam o povo argentino e seu país ao alto nível cultural, à sofisticação e ao requinte, especialmente no que concerne à mulher argentina, e apresentam ainda a Argentina como um destino turístico proeminente.

As telenovelas brasileiras participam do jogo identitário fronteiriço reforçando a identidade regional ou fronteiriça. Isso ocorre porque elas pautam diálogos de toda a sorte entre argentinos e brasileiros, participam da memória coletiva dos fronteiriços e, especialmente, porque quando elas se propõem a retratar os argentinos, a Argentina ou as relações argentino-brasileiras, suas representações não estão entranhadas de rivalidade, o que as difere da maior parte das narrativas de outros gêneros que estudamos na última década – a saber, as jornalísticas, as humorísticas, as de futebol e, inclusive, as de propaganda. As narrativas ficcionais brasileiras fogem em boa medida do lugar comum das demais representações televisivas brasileiras a respeito desse tema. E o discurso dos entrevistados, construído a partir do consumo de algumas dessas telenovelas, também se mostrou distante do sentido de rivalidade. Ao se apropriarem ou utilizarem algumas dessas narrativas, a amostra nos levou a entender que essas narrativas ficcionais colaboraram para aproximar os brasileiros e os argentinos nessa fronteira, aumentando a sociabilidade, a solidariedade e a identificação entre eles.

Participação da televisão brasileira na sociabilidade e no jogo identitário da fronteira Uruguai-Brasil

Sobre o estudo de caso realizado na fronteira entre o Uruguai e o Brasil, foram destacadas pela amostra vinte narrativas audiovisuais do gênero jornalístico encontradas no *site* da Globo.com. Foram destacadas também narrativas de gênero ficcional, especialmente, cinco cenas da minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, acessadas em DVD.

No caso da fronteira Uruguai-Brasil, destacamos que para nossa amostra, a televisão brasileira retrata preponderantemente o Uruguai como um “país amigo”, essa fronteira como a “fronteira da paz”, e as relações uruguaio-brasileiras como “boas”. Nesse sentido, entre outras matérias que estudamos, destacaram-se as de um programa de jornalismo temático que retratou o Uruguai como um destino turístico de muita beleza e com recursos naturais benéficos à saúde. Nele, os uruguaio foram caracterizados como um povo que vive em harmonia com a natureza e que é amigo dos brasileiros. Observamos ainda que, recentemente, a caracterização do Uruguai como um destino turístico tornou-se uma tendência na mídia brasileira.

Essas narrativas noticiosas sobre o Uruguai ou os uruguaios, retratadas no Globo Repórter, povoaram o imaginário dos fronteiriços porque eles se sentiram representados nelas – a ponto de os brasileiros, por exemplo, nos levarem a entender que o que diz respeito ao Uruguai é algo tão próximo que não há necessidade de fazer distinções entre este país e o Brasil.

A partir de suas apropriações do Globo Repórter, brasileiros e uruguaios demonstraram identificação entre si, reafirmaram as semelhanças em sua formação étnica, em suas relações com o meio rural e enalteceram o sentimento de pertença à região, e com isso a identidade fronteiriça se mostrou fortalecida. Como o discurso dos entrevistados também se caracterizou pela ênfase nas boas relações entre uruguaios e brasileiros, nas representações positivas que uns construíram sobre os outros e nos aspectos que aproximam os dois povos, enquanto os conflitos que também fizeram parte da história desses dois países não foram explorados, compreendemos que o Globo Repórter colaborou para o reforço do estereótipo de que essa é a fronteira da paz e de que as relações entre uruguaios e brasileiros são de amizade.

Por outro lado, em pelo menos uma narrativa ficcional brasileira, as relações entre brasileiros e uruguaios foram retratadas como de rivalidade, uma vez que a minissérie em questão representava o contexto histórico em que se deu a Revolução Farroupilha. E também as narrativas noticiosas em torno do futebol, em especial aquelas relacionadas à Copa de 50, se distanciaram das representações em que as relações uruguaio-brasileiras envolvem “amizade” ou “paz” plenas.

Nesse sentido, atentando para a recepção destas narrativas, podemos dizer que apesar de recentemente circularem por essa fronteira as caracterizações de amizade e paz, configuradas de modo estereotipado, a rivalidade entre uruguaios e brasileiros, fundada discursivamente ainda no período colonial, segue fazendo parte do imaginário fronteiriço.

As apropriações e usos da narrativa ficcional brasileira participam do jogo identitário fronteiriço reforçando, por um lado, a ideia de que a formação étnica regional é semelhante, bem como os costumes e modos de produção adotados, e por outro, gerando uma reavaliação do sentido de cordialidade ou de relações pacíficas entre uruguaios e brasileiros, uma vez que a amostra utiliza a minissérie para ressaltar os conflitos ou disputas existentes entre os dois povos. Com isso, os entrevistados sublinham os limites nacionais e dão pistas de que a solidariedade implicada na identidade fronteiriça cede espaço para afastamentos ou desconfiança, principalmente no âmbito da produção e comercialização de bens de consumo primários, um tema bastante relevante para os fronteiriços.

Quanto às apropriações e usos das narrativas sobre futebol, embora existam produções de sentido que reforçam a identidade fronteiriça, como quando se pontuam as colaborações entre uruguaios e brasileiros no futebol regional ou quando os fronteiriços dos dois países torcem para os mesmos times, sejam eles brasileiros ou uruguaios, entendemos que essas representações só se sustentam enquanto as disputas de futebol não os colocam em lados opostos do campo. Assim, são predominantes as produções de sentido nas quais o futebol é

utilizado para o cultivo das identidades nacionais na fronteira e para o estabelecimento de relações de alteridade entre uruguaios e brasileiros.

O contexto fronteiriço, caracterizado pela constante interação entre uruguaios e brasileiros e marcado pela memória da Copa de 1950, bem como por todas as produções de sentido que envolvem esse evento – desde o qual o confronto entre Brasil e Uruguai tornou-se um clássico –, medeia o modo como eles se apropriam do discurso televisivo sobre o futebol, assim como as narrativas televisivas participam desse contexto, sendo utilizadas para o reforço das identidades nacionais ou para sublinhar os limites simbólicos entre os países e, principalmente, na desconstrução do estereótipo da “fronteira da paz” ou da “amizade”, uma vez que quando ocorrem jogos entre o Brasil e o Uruguai, as relações entre os fronteiriços são associadas predominantemente aos sentidos de hostilidade ou rivalidade.

Com relação a esse estudo de caso, é preciso lembrar que as representações do Uruguai, dos uruguaios e dessa fronteira na televisão brasileira são em geral mais escassas, se comparadas ao material produzido nos casos anteriores. Entretanto, enquanto estivemos em campo, o Uruguai vivia um processo eleitoral que pudemos acompanhar em boa medida e que a televisão brasileira cobriu extensamente. Nesse caso, é necessário assinalar que, nas apropriações e usos das narrativas noticiosas referentes às eleições, entre outras matérias que estudamos, uruguaios e brasileiros apontaram principalmente o que há de semelhante na história dos dois povos, mas também não deixaram de reconhecer as divergências.

Quando a amostra se apropria das representações televisivas que envolvem a participação do presidente brasileiro na política uruguaia ou a do presidente uruguaio na produção de sentidos sobre o Brasil, utiliza-as para sublinhar as distâncias entre uruguaios e brasileiros, demarcando as diferenças com o intuito de distinguir o que é pertinente a um país e a outro. O mesmo acontece quando os uruguaios produzem sentidos sobre sua relação de parcial dependência em relação ao Brasil e, em alguma medida, questionam os interesses envolvidos nas alianças políticas entre as lideranças brasileiras e uruguaias. Bem como quando os brasileiros estabelecem que as novelas, as praias e o futebol apreciados pelos uruguaios são símbolos brasileiros e apontam que os vizinhos não aceitam com tanta facilidade a ocupação de suas vagas escolares ou postos de trabalho por brasileiros. Nessas apropriações, as colaborações da amostra se distanciam dos sentidos de paz ou amizade e as narrativas televisivas estão sendo utilizadas pra produzir sentidos que reforçam as identidades nacionais e não a identidade fronteiriça.

A amostra ainda utilizou as narrativas acerca do processo eleitoral uruguaio para produzir sentidos em torno das decisões políticas e econômicas que dizem respeito à produção e ao consumo agropecuário. Nesse caso, apesar das expectativas positivas em relação ao estreitamento comercial entre uruguaios e brasileiros, ficou claro que quando as decisões favorecem um ou outro país, os fronteiriços tendem a sublinhar os limites entre o Brasil e o Uruguai, reforçando as identidades nacionais em detrimento da identidade fronteiriça.

Além disso, também apontamos que os fronteiriços esperavam que esse tema fosse abordado ao longo das campanhas eleitorais do Uruguai e do Brasil. Porém percebemos que as relações de produção e consumo

agropecuário que envolvem o Brasil e o Uruguai não foram suficientemente exploradas em nenhum dos dois processos eleitorais. E, no caso da campanha eleitoral brasileira, as fronteiras foram abordadas tão somente enquanto um problema de segurança nacional – o discurso dos candidatos com respeito ao tema das fronteiras se configurou, inclusive, a partir de uma dualidade estereotipada, uma abordagem na qual a questão de fronteiras pode ser reduzida aos sentidos de “guerra” ou “paz”.

Considerações Finais

Ao confrontarmos as representações televisivas que os fronteiriços consideraram pertinentes à vida social e cultural que experimentam em seu cotidiano, com suas próprias representações sociais acerca dessa mesma realidade, entendemos que as narrativas televisivas brasileiras medeiam as relações sociais entre argentinos e brasileiros, paraguaios e brasileiros, e entre uruguaios e brasileiros, bem como participam do jogo identitário que se desenvolve entre eles. Identificamos a participação da televisão brasileira nesse jogo que se realiza numa articulação de identidades nacionais, de identidades regionais ou fronteiriças, e de outras formas de identificação com respeito ao rural e ao urbano, à estratificação socioeconômica e à diversidade étnica que compõem a realidade das fronteiras que estudamos.

Quanto mais mergulhamos no jogo entre as identidades culturais que se desenvolvem nessas fronteiras, mais o consideramos situacional. Depreendemos que, dependendo das representações construídas em suas narrativas, e das apropriações e usos que os fronteiriços fazem delas, a televisão brasileira colabora para imprimir às relações entre eles um caráter de identificação ou de alteridade, ora sublinhando as identidades nacionais, ora reforçando a identidade regional ou fronteiriça.

Considerando sempre quais são as representações construídas em suas narrativas e quais são as apropriações e usos que os fronteiriços fazem delas, entendemos também que a televisão brasileira colabora para aumentar ou diminuir a sociabilidade interfronteiriça, por vezes contribuindo para imprimir a essas relações um caráter de aproximação ou de distanciamento, e em alguns casos, cooperando para imprimir a elas um caráter de solidariedade ou de conflito.

Consideramos relevante sublinhar que a participação desse veículo de comunicação no cotidiano fronteiriço se destacou nos três casos, quando suas narrativas foram construídas fazendo uso de estereótipos positivos ou negativos com respeito às fronteiras que estudamos, aos países e os povos envolvidos em nosso trabalho, ou às relações estabelecidas entre eles.

Estudar os processos de comunicação intercultural mediados pela televisão, na complexidade e na heterogeneidade das realidades fronteiriças, nos permitiu identificar quando as representações televisivas dessas realidades refletem ou refratam os interesses dos diversos grupos que interagem socialmente no cotidiano dessas fronteiras. Isso nos permitiu compreender também como operam os estereótipos positivos e negativos no cotidiano quando reafirmados pela televisão, assim como pudemos entender como as representações televisivas participam da manifestação de atitudes racistas de brancos em relação a não brancos.

Referências Bibliográficas

COLLIER JR, J. **Antropologia Visual**: a fotografia como técnica de pesquisa antropológica. São Paulo: EPU/EDUSP, 1973.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: Vários autores (orgs.) *Raça e Ciência*. Volume 1, p. 231-269. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

THIOLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1980.

YIN, R. K. **Estudo de Caso – Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.